

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS
CAMINHOS DA MISSÃO

FORMAM UMA COMUNIDADE
DE FÉ, COMUNHÃO E SERVIÇO

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS
CAMINHOS DA MISSÃO

FORMAM UMA COMUNIDADE
DE FÉ, COMUNHÃO E SERVIÇO



Carta Pastoral do Colégio Episcopal
Biênio 2014-2015

CARTA PASTORAL DO COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA

Colégio Episcopal 2012/2016

Bispo Adonias Pereira do Lago – Presidente

Bispo João Carlos Lopes – Vice-Presidente

Bispa Marisa de Freitas Ferreira – Secretária

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Bispo José Carlos Peres

Bispo Roberto Alves de Souza

Bispo Carlos Alberto Tavares Alves

Secretário Executivo do Colégio Episcopal

Bispo Stanley da Silva Moraes

Secretária Executiva para Vida e Missão

Joana D'Arc Meireles

Revisão

Celena Alves

Diagramação

Luciana Inhan

Capa

Tiago Costa



SEDE NACIONAL

Av. Piassanguaba, 3031

04060-004 – São Paulo – SP

5	PREFÁCIO
7	CAPÍTULO 1 – DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS CAMINHOS DA MISSÃO
9	Discípulas e Discípulos
13	Caminhos
17	Missão
21	CAPÍTULO 2 – FORMAM UMA COMUNIDADE DE FÉ, COMUNHÃO E SERVIÇO
23	Uma comunidade de fé
26	Uma comunidade de comunhão
28	Uma comunidade de serviço
30	Conclusão
31	CAPÍTULO 3 – NOSSAS ÊNFASES MISSIONÁRIAS
33	Ênfase 1
33	Ênfase 2
34	Ênfase 3
35	Ênfase 4
36	Ênfase 5
37	Ênfase 6

“Discípulas e discípulos no caminho da missão formam uma comunidade de fé, comunhão e serviço”. Esse é o tema da Igreja Metodista Brasileira para o biênio 2014/2015. O Colégio Episcopal, cumprindo determinação do Concílio Geral e buscando pastorear a Igreja, publica essa carta pastoral. Esse material busca oferecer subsídios para que o povo metodista possa aprofundar o tema através de reflexão, estudo e oração.

Formar uma comunidade de fé, comunhão e serviço foi um grande desafio para os/as primeiros/as cristãos/ãs e continua sendo um grande desafio para as discípulas e os discípulos de Jesus no século XXI.

Esta carta contém três partes:

- 1) Estudo para o aprofundamento do tema do sexênio: Discípulas e discípulos nos caminhos da missão;
- 2) O tema deste biênio, dividido em três capítulos, cada um deles enfatizando uma palavra-chave do tema: fé, comunhão e serviço;
- 3) As nossas ênfases missionárias para o sexênio.

Aproveite esta leitura para estabelecer novas ações afirmativas pelos caminhos da missão.

CAPÍTULO 1
“DISCÍPULAS E DISCÍPULOS
NOS CAMINHOS DA MISSÃO”



O TEMA MOTIVADOR DO SEXÊNIO 2012-2017 TRABALHA COM TRÊS
CONCEITOS IMPORTANTES QUE DESEJAMOS AMPLIAR:
DISCÍPULO/A, CAMINHO E MISSÃO.

*“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele:
Se vós permanecerdes na minha palavra,
sois verdadeiramente meus discípulos.” (Jo 8.31)*

DISCÍPULA/DISCÍPULO

Às vezes, algumas palavras podem sofrer distorções de interpretação. Não é diferente com relação ao termo discípulo ou discipulado. Esta palavra não tem a ver com “fechamento”, “adestramento”, “bitolamento”, “manipulação” etc. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define: discípulo - 1. Aprendiz, aluno; 2. Aluno disposto a continuar o trabalho do seu mestre; 3. Seguidor de ideia, ideal etc.

O Dicionário Ilustrado da Bíblia Editora Vida Nova define o verbete discípulo como “estudante, aprendiz ou pupilo”. Na Bíblia, a palavra é muitas vezes usada para se referir a um seguidor de Jesus e é raramente usada no Antigo Testamento. Isaías usou o termo “discípulo” para se referir àqueles que eram ensinados ou instruídos (Is 8.16). A palavra discípulo é, por vezes, usada de maneira mais específica para indicar os doze apóstolos de Jesus, um grupo mais íntimo dos seus seguidores (Mt 10.1; 11.1; 20.17; Lc 9.1). Mas também pode se referir a um grupo maior de seguidores do Mestre, tais como as mulheres que observavam Jesus na cruz e que descobriram o sepulcro vazio. Jesus chama seus/suas discípulos/as nos caminhos concretos da Galileia de sua época. Ele os orientou a experimentar a radicalidade da mensagem do Reino de Deus logo no início de seu ministério terreno: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Assim, Ele os convida para segui-lo de forma desprendida e incondicional (Mc 1.16-20).

Numa leitura rápida dos Evangelhos, percebemos Jesus chamando vários segmentos de pessoas para segui-lo, como por exemplo: Pedro, André, Tiago e João (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11).

As experiências do chamado podem se repetir em diferentes circunstâncias: Pedro, Tiago e João na experiência da transfiguração (Mt 17.1-8); diante da perspectiva da morte no Getsêmani (Mt 26.36-46); em oposição ao desejo de dominação e orgulho (Mt 20.20-23); após a morte e ressurreição de Jesus (Mt 28.16).

O grupo de mulheres contido na narrativa da paixão do Senhor era composto por seguidoras que vinham “desde a Galileia” (Mt 27.55-56). Maria Madalena e a outra Maria são mencionadas nominalmente no texto de Mateus 27.55-56,61 e 28.1). Curiosamente, os doze são chamados de “apóstolos” apenas no registro de Mateus 10.2.

Os Evangelhos descrevem com muita propriedade as características e atitudes essenciais a um/a discípulo/a, à luz do projeto traçado por Jesus: tomar a cruz (Mt 16.24-28; Mc 8.34; Lc 9.23-27); viver para servir (Mt 10.24); obedecer (Mt 8.22); ser fiel (Lc 16.10; Mt 24.21); ter ousadia, coragem, intrepidez (At 2.14-15; 2Co 3.12; Ef 3.12); amar o Senhor acima de todas as coisas (Mt 10.21-37); ser prudente (Mt 10.16); sofrer perseguições como resultado da fidelidade ao projeto do Reino de Deus (Mt 10.25-34); produzir frutos (Mt 21.24; Jo 15.5; Gl 5.22); cumprir o mandato missionário de Jesus – fazer discípulos, batizar e ensinar (Mt 28.19-20; Mc 16.15; Lc 24.44-49); tomar a cruz e segui-lo (Mt 10.38; Mc 15,21; Gl 6.14); perseverar na comunhão, no partir do pão e na oração (At 2.42-47).

Também, o Sermão do Monte (As bem-aventuranças: Mt 5-6) contém diretrizes para o caráter do discípulo e discípula, assim como o chamado “ensino da missão” (Mt 10-12) e os desafios do mandamento do perdão (Mt 18). Seguir a Jesus envolve conhecer os seus ideais, os seus ensinamentos e viver os valores maiores do Reino de Deus.

O discípulo ou discípula é fundamental no projeto de Jesus Cristo. A formação de uma equipe (Mc 3.13-19) aponta a intenção de Jesus no companheirismo, na intimidade, no sonho coletivo, bem como a delegação do seu poder para serem cooperadores para noticiar a Boa Nova do Evangelho. Os/as discípulos/as são as testemunhas fiéis dos sinais do Reino de Deus neste mundo e aprendem as maravilhas insondáveis das promessas deixadas durante o ministério terreno de Jesus. Eles crescem na vida de oração, na partilha da Palavra de Deus e seguem, em obediência, ouvindo e acolhendo o seu chamado: “deixando tudo, o seguiram” (Lc 5.11b).

Nós, metodistas, reconhecemos a importância de uma igreja florescendo com os discípulos e as discípulas. Assim, fundamentando na vida da Igreja a nossa compreensão de discipulado, à luz das orientações do Colégio Episcopal no Manual do Discipulado número 1:

“O discipulado é o modo de vida, o estilo que caracteriza a vida daqueles que estão comprometidos com o Reino de Deus, que fazem da Nova Justiça, ou seja, dos valores éticos e da justiça do Reino uma prioridade na sua vida e que se dedicam integralmente ao serviço cristão, ao evangelismo e ao testemunho, em cumprimento à vontade de Deus [...]”.

O discipulado é um estilo de vida, uma maneira de ser em que as pessoas se relacionam, entram em comunhão, acolhem umas às outras, compartilham o que são, sentem e carecem, oram uma pelas outras, louvam e adoram ao Senhor juntas, estudam a Palavra à luz da graça, da experiência e razão da comunidade da fé. Nesse sentido, vivem e cumprem a Palavra que diz:

- levar os fardos uns/umas dos/as outros/as (Gálatas 6.1-2);
- acolher-se mutuamente conforme Cristo os acolheu (Romanos 15.7);
- apoiar e ser suporte (Colossenses 3.13; Romanos 15.1);
- perdoar-se mutuamente (Efésios 4.32);
- expressar o amor mútuo (Efésios 5.1-2).

Mateus 28.18-20 apresenta uma das mais importantes tarefas da Igreja: evangelização e discipulado. Para cumpri-la, a Igreja é enviada em direção às multidões que sofrem desespero, desânimo, injustiça, descrença, morte, doença, opressões de toda sorte, violências, exploração. Jesus afirma que a missão dos discípulos é a de evangelizar e fazer discípulos/as, ou seja, cumprir a Grande Comissão. São quatro as ênfases de Jesus:

1. FAZER DISCÍPULOS/AS: “Fazer” é o verbo central desta frase. Os demais - “ide”, “batizar” e “ensinar” - são participios no original grego e qualificam o verbo central. Portanto “indo”, “batizando” e “ensinando” não são ordens separadas de Jesus e fazem parte integral da Grande Comissão. O acento do texto não está no “ide”. É a parte do “fazer discípulos/as”. “Fazer discípulos/as” inclui todas as dimensões da vida humana e da fé decorrente da experiência

do conhecimento de Deus. A ideia de fazer discípulos/as de Jesus, por todas as partes onde a Igreja está e pode ir, torna-se um ato de resistência e de motivação para o cumprimento da missão. De resistência porque a Igreja não esmorece em meio às lutas e dificuldades; de motivação porque o ardor da missão está presente na vida dos cristãos e cristãs.

2. GUARDAR O QUE VOSTENHO ORDENADO: O “fazer discípulos”, como centro da Grande Comissão, leva em conta todas as coisas que Jesus ordenou e não apenas aquelas selecionadas para o ato do batismo e do ensino doutrinário. Está presente aqui a integridade do ensino de Jesus. Aliás, por quatro vezes, Jesus usa a expressão “todo” nos versículos lidos. Integridade indica o batismo como sinal do compromisso com o Reino de Deus; o ensino, como edificação comunitária (não meramente individualista e desassociada da vida da pessoa) e o serviço, como decorrência da experiência do conhecimento de Deus.

3. EIS QUE ESTOU CONVOSCO: No cumprimento da Grande Comissão, Jesus declara que estará presente com a sua Igreja. Ela não estará sozinha na realização da vontade de Deus. Assim aconteceu durante a história do povo de Deus no Antigo Testamento, pois quando ele chamava, garantia a sua presença, com o que fortalecia a pessoa ou o povo. Em outras palavras, somos convidados a testemunhar seguros de que Deus está sempre presente conosco.

4. A ESTES DOZE ENVIOU JESUS: O texto de Mateus 10.5-7 é a chave para compreender todo o capítulo 10 deste evangelho, chamado de Sermão Missionário. Este sermão é proferido após Jesus ter observado as necessidades das multidões: cansadas, angustiadas, como ovelhas sem pastor (Mt 9.35-10.1). O povo que seguia a Jesus vivia numa situação caótica, enfrentando vários problemas e sentindo “na pele” a situação de pobreza, desesperança, dúvida, com o que a infidelidade a Deus tomava conta de toda a Palestina.

Havia muita gente sem emprego, sem casa, sem destino seguro e, principalmente, sem esperança. A situação de aflição e desespero comove Jesus (Mt 9.36). Ele, então, se dirige aos discípulos e, tendo em mente o quadro descrito anteriormente, os envia ao encontro das multidões, com o propósito de atender às necessidades: buscar as ovelhas perdidas (10.6); anunciar a chegada

do Reino de Deus (10.7); curar os enfermos, libertar os oprimidos e restaurar os marginalizados (10.8).

CAMINHOS

“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.” (Jo 14.6)

A) PALAVRA CAMINHO COM MUITOS SIGNIFICADOS:

Constantemente, somos desafiados a procurar um caminho, ou ainda, uma saída para uma situação indefnida. Os habitantes dos grandes centros urbanos utilizam recursos como a internet e aparatos tecnológicos para saber os melhores caminhos até seus destinos. A imagem do caminho é usada em todas as ilustrações da vida humana: vida pessoal, familiar, profissional etc. Sempre estamos perguntando: Qual o caminho a seguir? Para onde vamos? Qual o caminho para conseguir um emprego? Um casamento? Para resolver um problema? Qual o caminho para a vida cristã vitoriosa? Qual é o caminho da maturidade?

B) CONCEITOS: O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa explica esse verbete: “1. faixa de terreno que leva de um lugar a outro; 2. rumo, direção (tomou o caminho de novo); 3. trajeto, rota (seguiram pelo mesmo caminho); 4. Fig. maneira de atingir um objetivo.” Em todas as circunstâncias do nosso viver estamos diante de um caminho, uma rota etc.

C) AMPLIANDO O CONCEITO: O Dicionário Ilustrado da Bíblia explica: “caminho: estrada, via, passagem ou rodovia”. A palavra é usada de modo figurado no Antigo Testamento como sinônimo da maneira de viver de uma pessoa justa ou ímpia (Sl 1.6). No Novo Testamento, a palavra é normalmente usada como metáfora de comportamento moral (Mt 7.13-14; 2Pe 2.15).

O caminho de uma pessoa pode levá-la a uma vida em que se esquece de Deus (Jo 8.13) e marcada pela iniquidade (Pv 2.13). O caminho de uma pessoa também pode ser iluminado pela Palavra de Deus (Sl 119.105). Jesus lembrou

aos discípulos que ele era o único caminho para chegar a Deus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

No livro de Atos, a expressão “o caminho” foi a forma de os inimigos da igreja se referirem com desprezo ao movimento dos cristãos. Semelhantemente à palavra “cristão”, esse termo de menosprezo foi ostentado pelos seguidores de Jesus (At 9.2; 24.14,22). Quando usada literalmente, a palavra caminho refere-se a uma vereda (Gn 49.22).

D) CAMINHOS DA VIDA: Os discípulos e discípulas precisam estar nos caminhos da vida, à semelhança dos caminhantes de Emaús (Lc 24.13-35), que foram impactados pela presença de Jesus, tendo os olhos abertos e os corações aquecidos nos caminhos da missão. O mesmo deve acontecer conosco hoje. Cabe ainda indagar: Quais os caminhos percorridos por Jesus? Quais os caminhos dos discípulos e discípulas? Os Evangelhos são claros ao apontar que Jesus seguiu o caminho do Pai, ou seja, realizando a sua vontade (Jo 4.31-38).

Nos caminhos da Galileia do seu tempo, Jesus anunciou as maravilhas e os desafios da mensagem transformadora do Reino de Deus. O caminho percorrido por Jesus não foi o caminho do templo, da Sinagoga, mas junto às pessoas feridas e marginalizadas pelo sistema do seu tempo: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.” (Mt 9.35-38). Realmente, são poucos os trabalhadores que querem sair de sua “zona de conforto”. No caminho que Jesus trilhou está o nosso mapa para realizar a missão do Pai.

E) DESAFIO BÍBLICO: O Evangelho de Lucas 4.1-13 relata que Jesus passou quarenta dias no caminho do deserto, preparando-se para o exercício da missão conferida pelo seu Pai. Ao sair dali, apresentou a sua plataforma missionária baseada em Isaías 61.1.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor.”
(Lc 4.18-19)

F) CHAMADOS/AS, PREPARADOS/AS E ENVIADOS/AS: Os discípulos e as discípulas, a partir do ensino de Jesus, são chamados/as, preparados/as e enviados/as para compartilhar, nas estradas da vida, os desígnios de Deus. Foram convocados/as para que as palavras de vida fizessem diferença nos relacionamentos mais diversos. Por exemplo, as instruções contidas em Marcos 6.7-13 e Lucas 10.4-12 são tangíveis e transformadoras: “saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungiendo-os com óleo.” (Mc 6.12-13). Portanto, não bastava anunciar a proximidade do Reino de Deus, mas era necessário fazê-lo presente nas mais profundas necessidades do povo. O Reino de Deus e o Evangelho de Cristo estão nos caminhos da vida.

G) O LUGAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA: O Plano Nacional Missionário orienta que “o lugar para agir, missionariamente, a partir da igreja local, é o bairro, a cidade, a nação e o mundo, privilegiando a todos que sofrem as múltiplas formas de opressão e injustiças”. O prof. Rui de Souza Josgrillberg afirma: “A teologia traça o roteiro do caminho por meio das Escrituras que o peregrino deve seguir. Mas o caminho deve ser traçado somente se as referências concretas forem igualmente tomadas em consideração na junção da Palavra e da prática. Aqui o provérbio de Antônio Machado, poeta espanhol, é pertinente: ‘fazes o caminho ao caminhar’. Wesley afirma em seus Sermões que a fé autêntica não é fé em doutrinas religiosas, mas a fé ou é vivida concretamente ou não é fé. “A fé verdadeira” é essa na qual andamos, na qual vivemos, com a qual nós produzimos o abundante fruto do amor, as obras, a certeza, e uma vida nova” (Uma teologia que nasce da e para a vida: “A Teologia da Salvação” ou “Cristianismo prático de John Wesley”).

H) O CAMINHO DA SALVAÇÃO: Devemos estar no caminho da salvação, à luz do testemunho de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida;

ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Jesus abriu o trilho da salvação, que nos conduz para os caminhos da missão. Todos nós sabemos do apelo de John Wesley: “O mundo é a minha paróquia”.

O prof. José Carlos Barbosa, em seu livro “Unidade e Santidade” diz: as duas coisas que Wesley queria entre os metodistas, nos conduz no seguinte desafio: “somos parecidos com os dois caminhantes de Emaús. Voltamos para a casa e nem nos damos conta da presença e dos esforços feitos pelo ressuscitado para nos devolver ao caminho. Só que o partir do pão já não tem para nós a mesma afetividade. Há muitos entulhos atrapalhando a nossa percepção e nos fazendo errar o caminho. Só um milagre pode nos curar dessa morbidez e fazer com que recoloquemos Cristo no centro da história. Só um milagre para nos devolver à nossa grande tarefa. Só um milagre pode nos ajudar a entender que caminho da Igreja não é o caminho do sucesso e da sedução [...]. A compreensão wesleyana a respeito da graça de Deus pode ser uma importante contribuição nesse esforço de nos devolver ao caminho. E já no início João Wesley nos diria com toda clareza e ênfase possível que viver a graça de Deus não significa de modo algum viver confortavelmente, acrescentando a essa vida agradável as aspirações místicas. Ele nos diria que viver essa graça significa erguermos-nos todas as manhãs e retomarmos a nossa cruz onde deixamos no dia anterior. Ele nos diria que o cristianismo sem cruz não passa de torpe devaneio, que é exatamente neste turbilhão da cruz que Deus sempre melhor nos encontra”. (BARBOSA, 2007, p. 67-68)

“Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!” (Hb 13.20-21)

Sem dúvida, o núcleo dessa Carta Pastoral é o entendimento acerca da missão. Todas as nossas motivações, programações, planejamentos em todas as áreas da Igreja precisam passar pelo caminho da missão. Os discípulos e as discípulas não caminharam em torno dos seus projetos, mas a partir do projeto estabelecido por Jesus.

A) O QUE SIGNIFICA MISSÃO? Os dicionários definem missão: incumbência, encargo, dever a cumprir, obrigação etc. Quem recebe uma missão está a serviço e tem uma grande responsabilidade sobre os seus ombros, objetivando cumprir a tarefa que lhe foi delegada.

B) A MISSÃO É DE DEUS: A Igreja não é o verdadeiro centro da missão, mas a missão está na revelação do amor de Deus em Jesus Cristo. Por isso, a trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) é a nascente da missão. O escritor de Hebreus declara:

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 1.1-3).

Por isso, o teólogo Emil Brunner definiu com muita propriedade: “A igreja vive pela missão como o fogo existe pela chama”. Igreja e missão caminham juntas. Da mesma maneira, a missão gera unidade e evangelização, testemunho e serviço.

C) O REINO DE DEUS É O NOSSO ALVO: A Igreja Metodista, por meio de seus documentos, tem definido que: “A missão de Deus no mundo é estabelecer o Seu Reino”. Participar da construção do Reino em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizadora da Igreja. O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo

mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isso está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como temos em Romanos 8.23: “temos as primícias do Espírito, [...] aguardando a adoção de filhos”, ou ainda, em 2 Coríntios 1.21-22: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.” (Plano para a Vida e a Missão da Igreja - PVMI, Cânones 2012, p.88)

D) IGREJA VOCACIONADA PARA A MISSÃO: A razão de ser da Igreja está no fato de ela ser vocacionada para a missão. São prioritárias as ações que promovem a vida nova em Cristo Jesus, a justiça, a paz e o bem-estar das pessoas e da sociedade em geral. Por isso, é preciso manter fidelidade aos fundamentos da fé cristã e obediência ao mandato de Cristo. Sendo assim, nós, bispa e bispos da Igreja, reafirmamos que “somente a missão justifica a presença da Igreja no mundo” (PNM, 2011, p. 15).

E) A IGREJA LOCAL, NASCEDOURO DO COMPROMISSO MISSIONÁRIO: O lugar para que a missão tenha fertilidade é “a partir da igreja local, o bairro, a cidade, a nação, o mundo”, tendo como fundamento a prática missionária de Jesus Cristo (Mt 9.35-38; Lc 4.16-20). De igual maneira, o exercício da missão precisa ser movido pela dinâmica do Espírito Santo: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). As discípulas e os discípulos realizam com fidelidade, obediência, esperança e amor o chamado vocacional de Jesus Cristo: “Vem e segue-me”. Todas as pessoas que seguem a Cristo são enviadas nos caminhos da missão para produzir um discipulado vigoroso e cheio do Espírito Santo.

“Precisamos de uma pneumatologia (doutrina do Espírito Santo) profética, crítica e transformadora da realidade brasileira; carismática (vivida na sua diversidade dos dons, ministérios e serviços concedidos pelo Espírito Santo, livremente a todos os crentes), comunitária (o povo sobrepondo à máquina burocrática e às lideranças

personalistas) e missionária (voltada para fora da instituição metodista em direção ao povo brasileiro)”

(RELATÓRIO DO COLÉGIO EPISCOPAL AO 15º CONCÍLIO GERAL DA IGREJA METODISTA).

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS CAMINHOS DA MISSÃO:

- Cumprem o mandato missionário de Jesus (2012-2013),
- Formam uma comunidade de fé, comunhão e serviço (2014-2015) e
- Produzem frutos de uma vida santificada (2016-2017).

Wesley foi enfático: “Vamos todos ter um só objetivo. Vivamos só para isto, para salvar as nossas almas e as almas daqueles que nos ouvem” e novamente: “Dê-me cem pregadores que nada temam senão o pecado e nada desejem senão Deus, e não me importo que sejam clérigos ou leigos, tais homens sozinhos abalarão as portas do inferno e estabelecerão o reino de Deus na terra”.

CAPÍTULO 2
“FORMAM UMA COMUNIDADE DE FÉ,
COMUNHÃO E SERVIÇO – 2014 E 2015”



FORMAM UMA COMUNIDADE DE FÉ:

JOSUÉ 3.14-4.9

Em nosso dia a dia convivemos com situações que assustam e incomodam: desastres naturais (enchentes, desabamento de terra etc.); criminalidade e violência crescente; incerteza política e econômica; atitudes de intolerância e tantas outras coisas que nos deixam com vontade de nos escondermos dentro de casa. Diante disso, o futuro começa a parecer incerto.

Ao mesmo tempo o Espírito nos lembra de que somos uma comunidade de fé (esse firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem). Que tipo de mensagem a tradição da nossa fé nos oferece para situações como essa? De que maneira, homens e mulheres de fé, respondemos a isso tudo?

A história narrada no texto de Josué 3.14-4.9 é a história de um grupo de pessoas (uma comunidade de fé) que não aceitou viver paralisado pelos perigos, medos e contradições dos tempos em que viveram. Esse texto nos ensina algumas lições:

A FÉ DAQUELE GRUPO TINHA COMO BASE A FIDELIDADE DE DEUS NO PASSADO:

Nós conhecemos a história da passagem do povo de Israel pelo mar vermelho. Mas muitos não conhecem a história da passagem do rio Jordão, quando o povo de Israel chegou à terra prometida. Foi à lembrança da passagem do mar vermelho que deu ao povo a fé necessária para passar o rio Jordão. Foi a ação de Deus no passado que lhes deu a fé necessária para enfrentar os desafios do presente. Deus os havia ajudado no passado e ele os ajudaria no presente. Veja o versículo 7: “para que saibam que como fui com Moisés, serei contigo”.

Uma comunidade de fé precisa conhecer o seu passado. O passado torna-se alicerce para o presente e para o futuro.

A FÉ DAQUELE GRUPO OS FORTALECEU NO SEU MOMENTO PRESENTE:

Se Josué e os israelitas tivessem desistido no meio do caminho, eles nunca teriam conhecido a libertação operada por Deus. Seu futuro teria sido muito diferente. Não teriam herdado a promessa. Como sabemos disso? Sabemos por que foi exatamente o que aconteceu com a geração anterior daquele povo.

Deus havia libertado o povo do Egito com sinais e maravilhas. Eles cruzaram o mar vermelho como que em terra seca. Mas eles ainda não confiavam em Deus para guiá-los em direção ao seu futuro na terra da promessa. Eles murmuraram e reclamaram. Ficaram com medo e se recusaram a crer em Deus, apesar do que ele já havia feito no passado. Sentaram e **choraram, reclamaram** e Deus os deixou no deserto por quarenta anos. Agora, entretanto, seus filhos estavam dispostos a confiar em Deus. Assim, cruzaram o Jordão miraculosamente e entraram na terra que Deus lhes havia prometido.

O que aprendemos nessa passagem é que Deus não fará tudo para nós. Os israelitas da geração anterior passaram pelo Mar Vermelho depois que Deus dividiu as águas e a terra seca apareceu. Mas desta vez, no rio Jordão, as águas não se dividiram enquanto os sacerdotes não puseram seus pés na água. Deus os estava ajudando a crescer na fé. Ele havia feito tudo no passado, mas agora estava lhes ensinando a dar um novo passo de fé.

Josué e seu povo confiaram em Deus, uma fé madura, e assim herdaram a terra. Foi com muitas dificuldades, sem dúvida! Mas foi também com grande recompensa.

AQUELE GRUPO EDIFICOU UM ALTAR DE FÉ PARA AS GERAÇÕES FUTURAS:

Josué ordenou que 12 de seus homens tomassem 12 pedras, uma para cada tribo de Israel, e construiu um altar com aquelas pedras. Josué, então disse que o propósito daquele altar era: “para que isso seja por sinal entre vós; e, quando vossos filhos, no futuro, perguntarem, dizendo: Que vos significam estas pedras?, então, lhes direis que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da Aliança do Senhor; em passando ela, foram as águas do Jordão cortadas. Estas pedras serão, para sempre, por memorial aos filhos de Israel.” (Josué 4.6-7)

As gerações futuras ouviriam sobre a fidelidade de Deus e confiariam nele também. Assim, o propósito do altar, mais que um lugar de louvor e adoração, era um lugar de aprendizado sobre a fé. Toda vez que um israelita visse as pedras lembraria do que Deus havia feito no passado, e renovaria a esperança para o futuro.

Hudson Taylor foi missionário na china. Em sua casa ele mantinha dois quadros: um com a expressão hebraica: “Ebenezer”, significando “pedra de ajuda”; e outro com a expressão hebraica “Jehovah Jireh”, significando “O Senhor é meu provedor”. O primeiro apontava para o passado. Para o que Deus fez e como ajudou. O segundo apontava para o futuro, para a convicção de que Deus supriria as necessidades. O primeiro relembra a fidelidade de Deus. O segundo relembra a certeza da ajuda.

Em nossas vidas somos desafiados a levantar bem alto um “Ebenezer” em reconhecimento à fidelidade de Deus no passado. Somos também desafiados a bradar bem alto um “Jehovah Jireh” em testemunho da nossa convicção de que Deus sempre terá o suprimento para as nossas necessidades futuras. Assim caminha e testemunha uma “comunidade de fé”.

UMA COMUNIDADE DE COMUNHÃO:

SALMO 133

Certa vez, dois porcos espinhos se juntaram para se aquecer do frio. Mas quando tentavam se encostar, o espinho de um feria o outro. Eles tentaram várias vezes sem sucesso. Eles precisavam um do outro, mas não podiam ficar juntos sem que um ferisse o outro.

Essa é uma excelente parábola do que, muitas vezes, acontece com a família da fé. Temos dificuldade de viver em comunidade, sem nos machucarmos mutuamente.

No evangelho de João, Jesus deixa transparecer o desejo do seu coração com relação aos seus discípulos e discípulas tanto do passado como do presente. Ele orou ao Pai: “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.” (João 17.21). Aquelas e aqueles que andam em comunhão com o Deus vivo, devem também andar em comunhão uns com os outros.

O apóstolo Paulo, escrevendo sua carta aos Romanos (uma carta teológico-doutrinária) demonstra que mesmo em meio à doutrina e à teologia, não se pode esquecer a importância do relacionamento humano.

Em Romanos 12.18 ele diz: “se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens;”. O apóstolo Paulo é realista: nem sempre é possível viver em paz e comunhão com todas as pessoas. Algumas não desejam a comunhão e/ou a paz! Mas, “quanto depender de vós”, viva a paz!

A bíblia é um livro de relacionamentos. Desde Adão e Eva (no livro de Gênesis) até o apóstolo João na ilha de Patmos (em Apocalipse) a bíblia fala de relacionamento.

Alguns desses relacionamentos foram muito difíceis: Caim e Abel tiveram o relacionamento quebrado; os onze filhos de Jacó uniram-se contra o seu irmão José (este, no que dependeu dele, buscou a paz); Saul foi um verdadeiro perseguidor de Davi; Diótrefes, por inveja e orgulho, procurou impedir que o apóstolo João cumprisse o seu ministério.

Outros desses relacionamentos são dignos de serem imitados: Rute e Noemi; Davi e Jonathan; Paulo e Barnabé. Deus se interessa pelos relacionamentos.

Naquilo que dependeu dele, Deus buscou paz com todas as pessoas: 2 Coríntios 5.19; Romanos 5.1.

Algumas qualidades são importantes para se viver em comunhão:

Honestidade: Coragem para ver e falar a verdade. Especialmente a respeito de você mesmo reconhecendo suas fraquezas e incapacidades. E com amor falar a verdade a respeito dos outros também. Em Efésios 4.15 lemos: “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”. Foi a honestidade de Natã que fez com que o rei Davi se arrependesse. De igual maneira, Paulo foi honesto com Pedro e esses exemplos nos ajudam a crescer!

Firmeza: Capacidade de dizer: “Esse é o meu limite” ou “esse tipo de negócio eu não faço”. Nada é mais comum que pessoas com talento, mas sem sucesso. Educação sem determinação não vai levá-lo a lugar algum. Veja a exortação do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15.58: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor”. Veja também o autor de Hebreus lembrando-se da atitude de Moisés: “Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.” (Hb 11.27). Firmeza é, de fato, uma consequência da fé!

Compaixão: É a palavra bíblica mais próxima de empatia, que significa sentir a mesma dor que alguém; sofrer junto com alguém. Não é dó, mas a capacidade de “estar na pele” da outra pessoa. Compaixão nos faz ver os outros por uma perspectiva completamente diferente. Quando temos compaixão, não temos inveja; não temos medo; não nos sentimos ameaçados.

UMA COMUNIDADE DE SERVIÇO:

MARCOS 10.35-45

Mesmo na comunidade dos primeiros discípulos alguns não entenderam o princípio da diaconia. A busca por posições de prestígio era uma realidade mesmo no meio da primeira comunidade de discípulos. O pedido de Tiago e João em Marcos 10.35-45 demonstra isso com muita clareza.

John Stott, em seu livro “A cruz de Cristo” diz que “nosso mundo (e mesmo as nossas igrejas) está cheio de João e Tiago. Pessoas dispostas a conquistar o prestígio, com fome de honra, medindo sua vida pelas conquistas e continuamente sonhando com o sucesso”.

As palavras de Jesus, nos versos 42 a 45 esclarece de maneira definitiva o lugar da diaconia no Reino de Deus. Na verdade, Jesus deixa muito claro que liderança e diaconia precisam caminhar lado a lado.

Lembre-mos que, depois da morte de Jesus, Tiago e João, juntamente com Pedro, se tornaram líderes da igreja, passando a ser “colunas da igreja”, conforme palavras do apóstolo Paulo em Gálatas 2.9. Eles, assim como nós hoje, precisavam entender o princípio da diaconia.

O missionário Dwight Moody¹ disse: “A medida de um homem não é quantos servos ele tem, mas quantos homens ele serve”. Aquelas e aqueles que querem ser honradas/os precisam servir. Quanto mais alta a posição mais serviço. Martin Luther King² disse que: “Todos podem ser honrados, porque todos podem servir”.

Não é necessário ter um diploma de faculdade para servir;

Não é necessário saber concordância verbal para servir;

Não é necessário conhecer Platão e Aristóteles;

Não é necessário conhecer a teoria da relatividade;

Não é necessário conhecer a teoria da termodinâmica;

1 Sermão “The Drum Major Instinct” pregado em 4 de fevereiro de 1968 na Ebenezer Baptist Church, Atlanta, GA. Citado em www.ordinarypeoplechangetheworld.com.

2 Do livro “A Passion for Souls: The Life of D.L.Moody” escrito por Lyle W. Dorsett, Moody Publishers, 2008.

Para servir é necessário apenas ter um coração cheio de graça. Ter uma alma regenerada pelo amor.

Jesus usa a si mesmo como exemplo para Tiago e João e para nós também. No evangelho de João 13.3-5, a história do lava-pés começa com as seguintes palavras: “sabendo este [Jesus] que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus [...]”.

Jesus sabia que tinha todo poder do universo em suas mãos, mas não usou o poder para controlar ou impor sobre seus discípulos, ao invés disso, levantou-se e lavou-lhes os pés, numa demonstração de serviço humilde. No verso 15 desse capítulo Jesus diz: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também”.

Existem muitas maneiras de servir, e todas elas deveriam ser como que “ao Senhor”. O serviço na vida interna da Igreja acontece através de muitos ministérios, tais como, diaconia, ensino bíblico, pregação, intercessão, louvor, coreografia, aconselhamento e outros.

Já o serviço na vida externa da Igreja, os evangelhos demonstram com muita clareza que quando servimos uma pessoa ou um grupo de pessoas na sua necessidade, é como se servissemos ao próprio Senhor Jesus (Mt 25.31-46). Nesse sentido todas as vezes que trabalhamos para suprir uma necessidade de alguém que não possa ou não seja capaz de supri-la por si mesma, estamos prestando um serviço “ao Senhor”. Exemplos deste tipo de serviço são: ensino, educação, ação social, combate à corrupção, ajudas em situações emergenciais e outras.

Todas estas formas de serviço devem apontar para o fato de que o maior serviço que podemos prestar para as pessoas é ajudá-las a descobrir a benção de se tornarem discípulos e discípulas daquele que não veio para ser servido, mas para servir, Jesus Cristo.

Estamos vivendo num tempo de muitas dúvidas, isolamento e egoísmo. Neste tempo a “criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.” (Rm 8.19). Neste biênio, como filhas e filhos de Deus, servindo-o através da Igreja Metodista em terras brasileiras, somos desafiadas e desafiados a nos manifestarmos, em especial, pelo testemunho da nossa fé, comunhão e serviço.

CAPÍTULO 3
NOSSAS ÊNFASES
MISSIONÁRIAS



ÊNFASE 1

ESTIMULAR O ZELO EVANGELIZADOR NA VIDA DE CADA METODISTA, DE CADA IGREJA LOCAL

A Igreja, em função do seu chamado divino, sempre é missionária. O fundamento da missão é a obra reconciliadora de Jesus. Por isso, colocar esta ênfase como prioridade absoluta significa reafirmar que somente a missão justifica a presença da igreja no mundo.

ÊNFASE 2

REVITALIZAR O CARISMA DOS MINISTÉRIOS CLÉRIGO E LEIGO NOS VÁRIOS ASPECTOS DA MISSÃO

“O ministério pastoral da Igreja Metodista é a categoria eclesial clériga na qual reconhece, dentre os seus membros, homens e mulheres vocacionados para o exercício do pastorado e, após sua formação e experiência probatória, os consagra para a Missão” (Cânones Art. 36 – edição 2012). Igualmente, os documentos pastorais definem com muita clareza o papel do ministério ordenado na Igreja Metodista, que tem o seu espaço bem definido na legislação da Igreja, bem como seus contornos próprios.

Este Plano Nacional Missionário destaca: “O ministério pastoral é entendido na visão protestante como um ministério especial, chamado e preparado para zelar pela pura pregação da Palavra, ministrar corretamente os sacramentos, zelar pelas marcas essenciais da Igreja e ainda cuidar da comunidade missionária como um todo, tudo isto como um mandato da Igreja [...]. O carisma pastoral não é apenas individual. Ele precisa de reconhecimento e sua integração ao carisma da Igreja como uma dimensão de sua apostolicidade. Esse fato é assinalado de modo visível quando a Igreja ordena para o ministério pastoral. Para isso, a tradição protestante reconhece no ministério pastoral um mandato da Igreja e

não apenas individual. No ministério pastoral, não se pode sobrepor carismas ou qualidades pessoais ao carisma ministerial da Igreja” (PNM, 2011, p. 17).

A Igreja Metodista sempre optou por uma eclesiologia focada no Sacerdócio Universal de Todos os Crentes e, por isso, reafirma a importância de uma Igreja configurada nos Dons, Ministérios e Frutos, entendendo que todas as pessoas são chamadas, vocacionadas e enviadas para a missão. Recoloca-se perante os membros o conteúdo da nossa prática ministerial: “Todos os membros da igreja, pelo fato de pertencerem ao povo de Deus por meio do batismo, são ministros do Evangelho, são chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprir a missão, em testemunho, serviço e evangelização”.

ÊNFASE 3

PROMOVER O DISCIPULADO NA PERSPECTIVA DA SALVAÇÃO, SANTIFICAÇÃO E SERVIÇO

Nos últimos anos, a Igreja Metodista tem dado atenção ao Programa de Discipulado. “O Discipulado, à luz do próprio Cristo, fundamenta a comunhão, a convivência, a comunicação e a formação do caráter das pessoas relacionadas com o Senhor e com sua comunidade” (PNM, 2011, p. 21).

O discipulado precisa ser compreendido como um modo de ser igreja. Assim sendo, não é um programa para atender o “modismo eclesiástico”. Ao contrário, mergulhando nos estudos do Evangelho, vamos perceber que o discipulado é uma condição para que as pessoas possam seguir o caminho aberto por Jesus Cristo.

Ser discípulo e discipula de Jesus é uma exigência. No início do seu ministério terreno, ele formou um grupo de discípulos e, igualmente, preparou essas pessoas (formando uma comunidade), para viver a radicalidade do projeto do Reino de Deus, produzindo frutos de fé, misericórdia, compaixão, justiça e amor, à luz do desafio do mandamento do Senhor.

Por isso, o Evangelho de Jesus Cristo, narrado por Mateus, Marcos, Lucas e João, é a base do projeto de discipulado, ou seja, viver como Jesus viveu, perdoar como Jesus perdoou, sentir como Jesus sentiu, intervir como Jesus interveio, caminhar como Jesus caminhou, em obediência aos preceitos do Pai. No caminho do discipulado, ele confere identidade a cada discípulo ou discípula. Do mesmo modo, transmite as Instruções acerca dos desafios e das oportunidades para segui-lo com alegria e singeleza de coração.

Também o movimento wesleyano impõe uma prática do discipulado focada na salvação, na santificação e no serviço em nossa caminhada cristã. “As classes como recriação da comunidade de fé, foram o segredo da implantação do movimento metodista” (PNM, 2011, p. 21). As classes produziram uma Igreja inserida em sua realidade utilizando uma estrutura de testemunho, mútuo amparo e instrução. Elas tornaram possível o crescimento, não apenas em termos numéricos, mas em qualidade e estilo de vida pessoal e comunitário. Wesley dizia não conhecer religião que não fosse social.

Nessa direção, três movimentos estão sendo conduzidos no discipulado metodista: a) Estilo de vida em que Cristo é o modelo, ou seja, “caminho, verdade e vida”, à luz dos valores da fé cristã e na perspectiva do Reino de Deus; b) Método de pastoreio no qual o pastor e a pastora dedicam maior atenção aos grupos pequenos e promovem dessa forma, relacionamentos mais fraternos e pastoreio mútuo; c) Estratégia para o cumprimento da missão visando a Evangelização e o Crescimento. Nos termos do ensino de Jesus, enviando os seus discípulos (Mateus 10), o discipulado é integrado à Missão da Igreja, mantendo-se sempre a perspectiva da salvação, santificação e serviço.

ÊNFASE 4

FORTALECER A IDENTIDADE, CONEXIDADE E UNIDADE DA IGREJA

É importante deixar claro quem somos e para que existimos, isto é, a nossa identidade. Tal definição deve ser conhecida, acima de tudo, pela comunidade interna.

Toda pessoa metodista precisa saber, compreender, praticar e vivenciar essa lição. As pessoas são, em grande número, levadas por “todo o vento de doutrina”, “agitadas de um lado para outro” (Efésios 4.14). Na verdade, há uma busca intensa de algo que traga às pessoas esperança e vida. No meio de toda essa situação, corre-se o risco de perder a configuração de nossa identidade e o sentido de nossa finalidade – a vocação para a qual fomos chamados/as.

Como parte de nossa identidade, no que diz respeito à conexidade e unidade da igreja, é preciso estabelecer caminhos e condições para cumprir o que Jesus pediu ao Pai pelos seus discípulos: “E peço que todos sejam um. E assim como tu, meu Pai, estás unido comigo, e eu estou unido contigo, que todos os que crerem também estejam unidos a nós para que o mundo creia que tu me envias-te... para que eles sejam completamente unidos...” (João 17.20-23).

Também o que Paulo solicita em sua palavra à comunidade localizada na cidade de Éfeso: “esforçando-vos diligentemente por perseverar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.3). Seja o primeiro sinal do Espírito a nossa comunhão em acolhimento, amor e tolerância em nossa vivência fraterna e missionária, como Igreja Metodista. “Que a Graça do Senhor Deus, nosso Pai, possa nos conceder uma transfusão do sangue de Cristo à sua Igreja, oxigenando o nosso ser, de um autêntico sentimento e vivência em amor” (PNM, 2011, p. 24).

Portanto, é necessário restaurar a compreensão e interpretação do princípio bíblico-teológico da unidade a partir da Palavra de Deus que destaca o valor do outro e a diversidade que resulta na aceitação, respeito, diálogo, responsabilidade com a criação. Da mesma forma é preciso reafirmar o princípio wesleyano da conexidade como marca fundamental do ser metodista.

ÊNFASE 5

IMPLEMENTAR AÇÕES QUE ENVOLVAM A IGREJA NO CUIDADO E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Entende-se que o exercício da ética cristã deve ser o princípio de toda ação social, especialmente nas relações político-sociais, sempre “estimulando o desen-

volvimento de uma cidadania responsável e o preparo para maior participação nas estruturas e processos de decisões” (PVMI, Cânones 2012, p.102). Desse modo, a Igreja é desafiada a uma atuação missionária que busque os caminhos da cooperação e solidariedade, sem criar laços de dependência e sem subjugar a pessoa, até então, marginalizada e excluída das condições de uma vida digna.

Considerando as atuais condições de vida no planeta Terra – como a devastação das áreas verdes, a escassez de água, o acúmulo de lixo etc. – a atuação missionária, em sua vertente social, também deve “apoiar, incentivar e participar das iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente” (PVMI, Cânones 2012, p.102).

Trata-se de denunciar os pecados cometidos contra o meio ambiente e de defender a natureza como parte da criação de Deus (Gênesis 1). Deve-se, portanto, como Igreja, apoiar e promover ações no sentido da valorização da biodiversidade e da implementação do desenvolvimento sustentável em nosso país.

ÊNFASE 6

PROMOVER MAIOR COMPROMETIMENTO E RESPOSTA DA IGREJA AO CLAMOR DO DESAFIO URBANO

O clamor do desafio urbano é uma ação vital no Plano Nacional Missionário da Igreja Metodista e, evidentemente, deverá ter linhas norteadoras para os ministérios da Igreja nos âmbitos nacional, regional, distrital e local.

O Plano para a Vida e Missão da Igreja (PVMI) sublinha: “há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que o envolve, o porquê e como ocorrem e suas consequências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante.” (PVMI, Cânones 2012, p.92)

“A missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus (Mateus 4.16-

24; 28.18-20). À luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade, discernindo os sinais do tempo presente, a Igreja trabalha assumindo os dramas e esperanças do nosso povo” (PVMI, Canônes 2012, p.93).

O PVMI desafia a Igreja a fazer uma leitura de conjuntura e, igualmente, estar atenta aos sinais dos tempos, a fim de que a mensagem do Evangelho tenha ressonância prática no momento histórico que vivemos.

Nesta leitura de cenário, a questão urbana é de extrema importância levando-se em consideração que os indicadores apontam que cerca de 90% da população brasileira concentra-se nas áreas urbanas. Isto significa que o Brasil, hoje, tem a sua configuração urbana e isto é um fenômeno irreversível. Sem dúvida, a concentração urbana traz no seu bojo os mais variados problemas estruturais e, conseqüentemente, sociais. Problemas estes que afetam a população urbana em setores essenciais, como por exemplo, saúde, educação, habitação e transporte. A dignidade do ser humano, cada dia mais, é ameaçada pela violência estrutural, conjuntural e pessoal, presente nas diversas esferas deste contexto.

Verifica-se, ainda, o crescimento do bolsão de pobreza nos principais centros urbanos de nosso país. Esta rápida consideração é suficiente para alertar sobre a urgente necessidade de uma evangelização que possa focar os seus olhares para a realidade urbana do nosso país. Ou seja, uma mensagem da boa notícia do amor de Deus para a realidade da cidade com seus desafios e oportunidades.

Há necessidade de uma pastoral urbana marcada pelo acolhimento e pelo comprometimento com os dramas do nosso povo que experimenta “na pele” as rachaduras de um sistema excludente e sem acesso aos bens fundamentais para uma sobrevivência digna, em consonância com os valores do Reino de Deus. Johannes Blayw afirma que: “a obra missionária é como um par de sandálias dado à Igreja para que essa se ponha a caminho”. As trilhas do mundo urbano exigem uma Igreja acordada 24 horas – a fim de que a prática missionária da comunidade possa ter ressonância frente aos graves problemas sociais decorrentes do crescimento desordenado deste modo de ser da sociedade.

Do mesmo modo, Sérgio Lyra, em seu livro: “Cidade para a glória de Deus” faz uma afirmativa desafiadora: “A Igreja de Jesus não está na cidade. Ela vive a cidade, seus problemas, e também sofre as conseqüências da loucura criativa que a vida urbana pecaminosa produz. Como povo com uma missão, é preciso

desenvolver pela cidade o mesmo amor e compaixão que foram vivenciados por Jesus, que chorou ao constatar a perversidade dos seus habitantes (Lucas 13.14). Viver na cidade não significa absorvê-la nem cruzar os braços diante dos seus gigantescos problemas, mas entendê-la, e ao participar de suas redes de criação e relacionamentos, ser o seu sal e a sua luz. (Mateus 5.13-16)”.

Espera-se que esse eixo missionário possa gerar nas igrejas locais um testemunho vigoroso da graça de Deus em termos de evangelização, testemunho e serviço diaconal, à semelhança de Jesus: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mateus 9.36).



 Igreja Metodista
www.metodista.org.br

ISBN 978-85-8046-029-2



9 788580 460292